

*Um outro mundo é possível*  
*A new world is possible*



**ICONS 2003**

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE  
INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL E QUALIDADE DE VIDA**

**DOCUMENTO RESUMO**



## **A abertura da ICONS 2003**

O ICONS 2003 — Conferência Internacional sobre Indicadores de Desenvolvimento Sustentável e Qualidade de Vida aconteceu em Curitiba (Paraná – Brasil), entre os dias 26 e 29 de outubro. O evento reuniu especialistas, líderes e pesquisadores de várias partes do mundo para discutir e buscar alternativas de indicadores para medir a prosperidade e a qualidade de vida da população em todo o planeta.

Em discussões (painéis e palestras), idéias e informações foram confrontadas na tentativa de traçar novos parâmetros de indicadores socioeconômicos, ambientais e culturais. As alternativas foram trazidas das mais diversas áreas e países, desde instituições privadas, governamentais, terceiro setor, grandes indústrias e instituições financeiras. Criou-se em Curitiba um ambiente de discussão, propício a novas propostas e à quebra de alguns.

Além do expressivo número de palestrantes, mediadores e relatores (as mesas de debates tiveram a participação de cerca de 50 especialistas no assunto), o evento contou com um público de mais de 700 pessoas, que participaram ativamente dos encontros com perguntas, colocações e propostas.

Participaram da solenidade de abertura o ministro Tarso Genro, da Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social do Governo Federal, a futurista Hazel Henderson (uma das maiores autoridades em globalização e seus problemas, e autora do livro *Além da Globalização*), o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, Rodrigo da Rocha Loures, o presidente da Copel, Paulo Pimentel, e Thais Corral, coordenadora geral do evento.

As autoridades apresentaram os pontos discutidos no encontro. Também se mostraram otimistas com as alternativas possíveis para patrocinar o desenvolvimento sustentável no mundo.

## **Rodrigo da Rocha Loures — Presidente da Fiep**

Rodrigo da Rocha Loures abriu o evento lembrando que a vontade universal de prosperidade da sociedade é um desafio muito complexo. Ressaltou que não basta vontade para mudar, mas que é necessário o uso de uma metodologia correta em todo o processo, para se evitar equívocos. “As tecnologias devem ser utilizadas de maneira correta.

Um outro mundo é possível  
A new world is possible



Precisamos recuperar o grande potencial do nosso planeta. Para isso, é muito importante a mudança de cultura, mudar métodos e sistemas de trabalho. Entre as prioridades, está a urgência da redefinição do significado de progresso e prosperidade”, disse. Loures destacou ainda a grande importância da busca da harmonia nas relações sociais e econômicas, para propiciar uma vida e um mundo melhores para as próximas gerações. “O desafio é valorizar a vida. O Brasil pode ser um símbolo de paz e trabalho para o mundo”, afirmou.

### **Ministro Tarso Genro — Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social**

O ministro Tarso Genro reforçou o discurso de Rocha Loures ao destacar a importância da harmonia na relação entre os homens e a natureza. “A humanidade não pode se chocar com a natureza”, disse. Na sua avaliação, as teorias empresariais estão esgotadas e precisam ser revistas com urgência, nas quais o lucro está dissociado do bem-estar social. “Precisamos buscar o diálogo e alternativas para se chegar a uma harmonia entre o capital e o social. O diálogo deve ser permanente e ser unificador”, afirmou.

Sobre o trabalho dos governos, Genro destacou ser fundamental a pressão da sociedade para o desenvolvimento de políticas sociais que atendam as necessidades da população. “As relações entre o Estado e a sociedade precisam ser renovadas. Os pontos de interesse de cada um devem ser reforçados, para que cheguemos a uma harmonia social”, explicou o ministro.

### **Hazel Henderson — futurista e inspiradora do ICONS**

Hazel Henderson aproveitou a abertura do evento para fazer uma ampla explanação sobre as distorções dos índices que medem a riqueza das nações, principalmente o Produto Interno Bruto (PIB). Ela alertou que visões macroeconômicas simplistas — como o PIB — estão fracassando e não conseguem enxergar a realidade dos países e de seus habitantes.

Hazel destacou a necessidade de se incluir custos sociais e os gastos públicos na medição do PIB, responsável por mensurar a riqueza de determinado país. “Estes gastos públicos são investimentos. Devem ser colocados na contabilidade do país. Há também os ativos da natureza, como energia e petróleo, que precisam ser considerados.

Um outro mundo é possível  
A new world is possible



Também não podem ser ignorados os capitais social e intelectual da população. A riqueza das nações deve incluir outras riquezas além do dinheiro e das fábricas”, ressaltou.

Para exemplificar suas idéias, Hazel apresentou uma nova maneira de se medir a riqueza de um país. Além de contar a produção dos setores público e privado, também se deve levar em consideração a “economia do amor. Ou seja, aquele trabalho responsável, por exemplo, pelo cuidado de filhos, da casa, o trabalho voluntário. Também é necessário atribuir valor à produtividade da natureza, responsável, entre outras coisas, pela água consumida e que deve ter um controle de pureza. “Só a renda per capita, por exemplo, não consegue ver as brechas de pobreza existentes. É preciso uma revolução de paradigmas, de métodos, para se chegar mais próximo da realidade das nações. Estamos nos enganando com a metodologia atual”, enfatizou.

De acordo com Hazel, a urgência de tais mudanças se deve, em grande parte, à maneira como a globalização está sendo encaminhada. As chamadas bolhas financeiras movem-se com facilidade pelo mundo e tentam igualar as nações. “Cada país tinha um DNA cultural próprio e especial. Hoje, muitos países tentam produzir a mesma mercadoria, abarrotando o mercado. A forma atual de globalização é insustentável. Precisamos buscar maneiras de aprender a se afastar dos conflitos deste tipo de globalização”, explicou. Hazel lembrou ainda que a globalização está dividida em seis forças: 1) industrialização/tecnologia; 2) comunicação/informação; 3) migração/busca de outros países; 4) poluição/efeitos na biosfera; 5) militarização; 6) cultura.

Além da globalização, Hazel aponta a falta de visão futurista da maioria dos políticos no encaminhamento de políticas públicas como fator para a estagnação socioeconômica. “Grande parte dos políticos ainda se guia por livros antigos de economia. Visam diminuir os índices de desemprego, de inflação, o déficit e os juros, mas se esquecem que há um emaranhado de interações globais que agem sobre cada um desses índices. Diminui um, aumenta os demais”, afirmou.

Hazel apresentou três maneiras de desenvolvimento da humanidade: por meio da informação — enfatizando a educação, o conhecimento e a pesquisa científica; a energia (numa visão futurista, Hazel vislumbra a utilização em grande escala do hidrogênio, por exemplo, como fonte de energia para os veículos, e que não polui). Por último, ela ressaltou a importância da inovação social, ou seja, a



sociedade precisa gerenciar os avanços tecnológicos que estão acontecendo.

Hazel Henderson apresentou 12 indicadores para medir a qualidade de vida das pessoas: 1) educação; 2) emprego; 3) energia; 4) ambiental (qualidade do ar e da água); 5) saúde; 6) direitos humanos; 7) receita (lacuna entre ricos e pobres); 8) infra-estrutura; 9) segurança pública; 10) recreação/lazer; 11) moradia e 12) segurança nacional.

### **Segunda-feira (27 de outubro)**

O primeiro dia de debates foi marcado — como todo o encontro — pela pluralidade de idéias e concepções em relação aos indicadores de desenvolvimento sustentável e qualidade de vida. Dois grandes painéis discutiram assuntos que foram propulsores para a realização do ICONS 2003: a redefinição de prosperidade e progresso; e os novos indicadores de qualidade de vida.

#### **PAINEL I**

##### ***Redefinindo Prosperidade e Progresso***

Com a presença do ministro Tarso Genro e especialistas de renome internacional como David Berry, Paul Epstein, Sander Tideman, Ladislau Dowbor, Hazel Henderson e Ken O'Donnell, o painel discutiu idéias inovadoras de políticas no nível macro e sugeriu novos instrumentos para medir as riquezas ecológicas, sociais, culturais do Brasil e do mundo. Foram discutidas várias idéias, tendências e métodos de se medir a riqueza, a sustentabilidade e a qualidade de vida em diversos pontos do planeta.

#### **Ministro Tarso Genro**

O ministro Tarso Genro norteou sua palestra por meio de duas palavras fundamentais para a compreensão das relações socioeconômicas: indeterminação e incerteza, que estão na raiz do conjunto de políticas nos últimos 40 anos. A partir de tais palavras, Genro discorreu sobre a importância de se partir de ações locais para se chegar a resultados globais. “Podemos redefinir o progresso e a prosperidade, se levarmos em conta a crise mundial. Vamos partir de



uma idéia de nação, para unificar a sociedade. Precisamos de uma nova cultura para forjar essa idéia de nação”, disse.

Genro alertou para a chamada “crise civilizatória”. Ele sustentou que estamos vivendo não apenas uma crise do capitalismo, mas questões muito mais complexas, realçadas pela individualização exacerbada nas ações. Essa individualização extrema causa uma ruptura no tecido social.

A crise civilizatória teria dois motivos principais, realçados pela indeterminação e a incerteza: grave distorção na estrutura dos custos do Estado, com gastos excessivos; e a apropriação desigual do conhecimento, ou seja, não se leva em consideração o interesse do mercado como um todo, mas de grupos financeiros que constituíram uma visão de um mercado antidemocrático e desigual.

Genro mostrou-se muito preocupado com o crescimento das desigualdades que tais fatores (crise civilizatória, manejo arbitrário da informação, indeterminação, incerteza) contribuem para a degradação social e natural da sociedade. “Da indeterminação, originam-se as crises. Da fragmentação, origina-se a violência”, explicou.

Mesmo alertando para vários perigos que rondam a sociedade, Genro terminou sua participação dizendo que “o Brasil, com seus recursos naturais e capacidade do povo, construirá possibilidades de grandes mudanças”.

### **David Berry — Ex-Diretor-Executivo do Grupo de Trabalho de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (EUA)**

David Berry ampliou as fronteiras das civilizações. “Fronteiras são feitas por nós, somos interligados, conectados”, disse. Destacou a relação do ser humano com o planeta. Ele defendeu que “muitos se esquecem de que a respiração é um subproduto da atividade econômica dos seres da natureza. Precisamos dar muita atenção aos indicadores da natureza. Bons indicadores podem nos ajudar a fazer escolhas sábias”.

Após apresentar suas experiências realizadas no governo norte-americano, durante a administração de Bill Clinton, Berry lançou questões para uma reflexão a respeito dos indicadores: “O que devemos medir para tomar decisões?”. Em seguida, discorreu sobre a dificuldade de se chegar a uma concordância em relação aos melhores indicadores, já que existem tantos disponíveis. “Ainda é difícil, mas agora é



possível. Indicadores são usados para focalizar e acordar as pessoas para a realidade”, disse.

**Paul Epstein — Diretor-Adjunto do Centro para a Saúde e Meio Ambiente Global da Escola de Medicina de Harvard (EUA)**

Paul Epstein alertou para os graves problemas causados devido à agressão ao meio ambiente, com a proliferação de doenças e drásticas mudanças climáticas. “Temos grandes problemas e precisamos de soluções atrevidas”, enfatizou.

Epstein fez um relato dos maus-tratos que a natureza vem sofrendo nos últimos anos, principalmente as florestas, os oceanos e a biosfera. Ele mostrou como algumas ações estão contribuindo para o aquecimento do planeta, o degelo do Pólo Norte, as inundações, as secas, entre muitos outros aspectos climáticos. “A ciência já não consegue dar conta destas variações climáticas”, afirmou.

Epstein também propôs algumas ações para amenizar o impacto de ações destrutivas sobre a natureza. Entre elas, destacam-se o mapeamento e monitoramento de áreas de maior risco; sistemas integrados de rastreamento de doenças; crescimento mais sustentado e equitativo e definir incentivos fiscais para novos mercados.

**Sander Tideman — Presidente do Conselho da Spirit in Business**

Sander Tideman apresentou suas experiências no desenvolvimento de projetos de indicadores de sustentabilidade no Butão, “um pedaço de biodiversidade, um cofre de tesouro, no Himalaia”, como ele o definiu. O Butão é de cultura budista e há apenas 15 anos começou um processo de abertura ao mundo e ao mercado ocidental.

Tideman falou da importância de se definir indicadores específicos para atender a demanda de cada região. “É preciso conscientizar e entender o sistema econômico nas suas mais diversas nuances. Falta debate. O Butão, por exemplo, ficou confuso em como lidar com o modelo capitalista que não faz sentido no sentido humano”, explicou.

Para Tideman, a crise se instaura a partir do momento em que o capital atende apenas os interesses dos capitalistas e não os da vida das comunidades. Ele entende que o fim das fronteiras naturais e sociais reforça a idéia de que somos parte de uma vida que rapidamente está



mudando. E no centro destas mudanças está o ser humano, com corpo e alma.

As necessidades humanas, segundo Tideman, devem ser supridas sempre levando em consideração a felicidade. Ele incluiu a palavra *compaixão* no mundo dos negócios, na busca do bem-estar de todos.

### **Ken O'Donnel — Coordenador na América Latina do Bhrama Kumaris**

Ken O'Donnel chamou a atenção para a importância de se pragmatizar os sonhos e os projetos. Ou seja, ser prático, realista, objetivo em relação ao projeto construído. “Todos têm uma tarefa, uma parte para melhorar naquilo que está ao nosso alcance, em nosso ambiente. É necessário coerência no tratamento e na convivência das relações de trabalho. É essencial unir a possibilidade/percepção com o racional, para puxar o sonho para o chão, abraçando as oportunidades que nos esperam”, disse O'Donnel, que assessorou o governo mexicano na reestruturação do Ministério da Educação.

O'Donnel destacou também que as mudanças são sustentadas pela responsabilidade. Para ele, o grande inimigo do progresso são os egos exaltados, principalmente entre os políticos. Em relação aos indicadores, O'Donnel defendeu a sua utilização para medir o uso de recursos disponíveis. Além disso, os indicadores precisam estimular e criar imperativos na sociedade.

### **Ladislau Dowbor — Professor titular da PUC de São Paulo**

Ladislau Dowbor enfatizou a importância da construção de um consenso em torno do processo renovado de informação. Ou seja, quem não tem direito à informação, não tem acesso aos demais direitos. “Enquanto a informação não chega ao usuário, ela não existe. Hoje, vivemos num contra-senso: há um dilúvio de informações o tempo todo, mas a população está totalmente desinformada”, defendeu.

O desafio é encontrar formas de organizar a informação e fazê-la chegar às pessoas, de maneira a suprir as necessidades de cada uma delas. Para isso, foi sugerida a intensificação de redes de informação temáticas, para determinado interesse, criando um sistema mais articulado e ágil. Mas tudo isso sem deixar de lado uma questão central: “De que informações as pessoas precisam?”.



## **PAINEL II**

### ***Novos Indicadores de Qualidade de Vida***

O painel apresentou exemplos de indicadores concebidos para acompanhar e medir os progressos na implementação de uma nova agenda global de desenvolvimento. O painel reuniu 11 especialistas do Brasil, Estados Unidos, Venezuela, China, Suíça, República Checa e Eslováquia. Entre tantas línguas e culturas distintas, sobressaíram-se exemplos e modelos empregados para medir realidades locais e globais.

#### **Mathis Wackernagel — Presidente da Global Footprint Network**

Mathis Wackernagel, idealizador da Pegada Ecológica, garantiu que estamos ficando maiores que o planeta. A humanidade está extrapolando os limites da Terra, sufocando-a, exaurindo suas forças por meio de uma utilização predatória, sem método e devastadora. Segundo Wackernagel, sofremos de uma doença muito grave — “o grandismo ocidental”. “Maior é sempre melhor? Os indicadores são relevantes para nós? Qual é a cura para os problemas?”, questionou.

Wackernagel apresentou números que mostram a desproporção no uso do planeta pela sociedade. Enquanto há dois hectares por pessoa de capacidade ecológica, estamos utilizando 2,3 hectares. Isso exige da natureza um esforço ainda maior de regeneração. “Precisamos encontrar maneiras de usar um pouco menos de um planeta. A busca do equilíbrio precisa ser incessante”, explicou.

#### **Eduardo Lopes Moreno — Observatório Global Urbano**

Eduardo Lopes Moreno percorreu a pobreza e as desigualdades sociais entranhadas nos centros urbanos, principalmente nas favelas. O êxodo rural foi exposto para explicar o inchaço das cidades e seus problemas. Se em 1950, 2/3 da população viviam na zona rural, hoje esta situação se inverteu totalmente e são as cidades que abrigam 2/3 da população. O reflexo desta inversão é a proliferação da pobreza pelas grandes cidades.

Sobre esta constatação pairam muitas dúvidas a respeito dos melhores indicadores a serem utilizados no diagnóstico de problemas. Para Moreno, algumas questões devem ser levantadas, principalmente sobre “o que sabemos da pobreza urbana?”. Diante de tal questão,



Lopes Moreno teceu algumas considerações a respeito das brechas de pobreza que se abrem com frequência na sociedade. “Não se sabe muito bem como as cidades funcionam. Precisamos das cidades como vetores do crescimento, e elas devem estar integradas ao meio ambiente. Há ainda a necessidade de se criar diferenças entre os centros urbanos para se estudar melhor o que acontece neles”, defendeu.

Moreno lembrou ainda que poucas cidades estão integradas a ponto de transformar informação em políticas públicas sérias. Moreno apresentou algumas sugestões, como a criação de observatórios de pobreza urbana (confecção de mapas da exclusão); equidades urbana (localizar quem são os habitantes das favelas); estatísticas sobre pequenas áreas, como estudo de bairros, para informações mais precisas.

#### **Fabio Feldmann — Global Reporting Initiative**

Fabio Feldmann mostrou os indicadores ambientais com questões sobre a necessidade de se chegar ao desenvolvimento sustentado. Para ele, existem poucos indicadores ambientais e uma questão ronda todo o processo: “Quem faz e qual é a metodologia de tais indicadores?”. Na discussão de tais indicadores, é necessário levar em consideração os processos implicados em cada situação. Um exemplo é o avanço da soja no Mato Grosso. Aí, são necessários os questionamentos a respeito das perdas na biodiversidade de toda a região, que com certeza terá impactos em todo o mundo.

Em seguida, Feldmann apresentou a importância Global Reporting Initiative (GRI) na padronização de denominadores comuns para a avaliação das empresas por meio de indicadores ambientais. Feldmann também enfatizou que não basta ter guias a serem seguidas, mas é fundamental o engajamento dos participantes em todo o processo. “Indicadores permitem que a sociedade faça políticas públicas e cobre cidadania”, afirmou.

#### **Roberto Guimarães — Cepal (ONU)**

Roberto Guimarães percorreu as estatísticas oficiais que norteiam a vida nos países da América Latina. Segundo ele, a Cepal (da ONU) vai lançar em dezembro um amplo panorama de sustentabilidade em 19 países, levando em consideração indicadores econômicos, ambientais,



sociais e institucionais, retirados de estatísticas oficiais de cada governo. Os objetivos são tomar decisões governamentais, capacitar nacionalmente para alimentar o sistema e estabelecer uma rede de informações. “Todos os indicadores precisam ser mapeados. Os indicadores precisam contar uma história, com dinâmicas geográficas e espaciais”, defendeu Guimarães.

### **Frank Bracho — Ex-conselheiro da Comissão Sul, Venezuela**

Frank Bracho questionou a busca incessante pelo crescimento por alguns países. “O que cresce sem parar leva ao câncer. O corpo humano pára de crescer para se manter. Assim deveria ser com os países”, explicou. Em sua avaliação, as nações precisam buscar maneiras de satisfazer o presente sem prejudicar as gerações futuras, preocupando-se com o “aqui e agora”, mas com os olhos voltados para o futuro.

Bracho colocou em contraposição o bem-estar das pessoas com a idéia de desenvolvimento. Ele apresentou exemplos de sociedades na zona rural do Equador com um índice de longevidade muitas vezes maior do que em grandes potências, como os Estados Unidos. “Buscase a longevidade a qualquer preço, mas não está se levando em consideração a qualidade desta longevidade. A vida precisa ser longa, mas com saúde. Nessas comunidades rurais do Equador, a longevidade é consequência de uma vida saudável, muito distante dos problemas das grandes metrópoles, soterradas pela poluição, alimentação inadequada, sedentarismo e muitos outros problemas”, disse Bracho.

### **PAINEL II (continuação)**

#### ***Exemplos nacionais***

Após as apresentações de idéias e discussões sobre temas universais — mesmo quando exemplificados localmente —, o Painel contou com a participação de representantes governamentais (como IBGE e IPEA) e internacionais (República Tcheca, Eslováquia e China).

### **Luís Henrique Proença Soares — Diretor Estudos Regionais e Urbanos do IPEA**



Luís Henrique Proença Soares apresentou o trabalho do IPEA, órgão ligado ao Ministério do Planejamento, na produção de indicadores sociais a partir de informações do IBGE. O objetivo é traçar o mapa de desenvolvimento humano no Brasil. Soares mostrou os macro-projetos estruturantes (desenvolvimento e desigualdades sociais e produtivas; conseguir leitura dos indicadores sociais e econômicos; entrosamento com o progresso produtivo; leitura conjunta da estrutura social). “Ou os dois mundos — social e econômico — conversam ou teremos a esquizofrenia”, disse Proença Soares. Ele também apresentou os macro-projetos institucionais, para a formação de uma rede de avaliação de políticas sociais.

Soares explicou ainda que o Atlas do IPEA acompanha a evolução das condições de vida da população. “Articulamos informações para evitar as armadilhas das estatísticas. Estamos obcecados pelas questões da desigualdade social. Temos de pensar maneiras de não banalizar as estatísticas, principalmente as de pobreza e violência. Nosso grande desafio é fazer a sociedade mediar o exercício da cidadania”, disse.

### **Pavel Novacek (Universidade Palacky, República Tcheca) e Peter Mederly (Regioplan, Eslováquia)**

Pavel Navacek e Peter Mederly apresentaram as experiências com indicadores realizados na República Tcheca.

Navacek iniciou lembrando o Plano Marshall, que em 1948, apresentou idéias para a reconstrução conjunta da Europa, que vinha sofrendo com os efeitos da Segunda Guerra Mundial. “Agora, queremos uma espécie de Plano Marshall global para o desenvolvimento sustentável do planeta”, afirmou.

Mederly ficou responsável pela apresentação dos indicadores utilizados na República Tcheca, que tem 10 milhões de habitantes em 14 regiões. O objetivo dos indicadores tchecos é criar tendências que podem acontecer no futuro, a partir de dados atuais. Foram utilizados, entre 1990 e 2000, 101 indicadores para se chegar a um índice de qualidade de vida e desenvolvimento sustentável. Entre as muitas conclusões, Mederly destacou a diferença na qualidade de vida dos habitantes de Praga (a capital) para as regiões mais afastadas. “Estes indicadores estão sendo muito importantes para a tomada de decisões.



A abordagem se baseia em dados acessíveis e chega a fatores subjacentes para melhorar a qualidade de vida”, explicou.

### **Xinhua Zhang — Centro de Política e Estudos de Estratégias da China**

Xinhua Zhang apresentou a evolução dos indicadores na China a partir dos anos 80. Ele lembrou que a China está no meio de uma transformação para harmonizar o homem, a natureza e a economia. “Queremos passar uma visão mais equilibrada e clara de nosso país”, disse.

Em 1983, os indicadores chineses eram divididos em dez categorias (lazer, moradia, educação etc.), passando para 14, em 1994. Ele garantiu que indicadores estão melhorando em campos sensíveis, como participação política e redução da pobreza. Os resultados estão sendo aplicados em planejamentos locais e nacional. Zhang aproveitou o encontro para mostrar a disposição da China em colaborar com a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável no mundo; “A China passa por um período crítico, mas também favorável para se redimir do grande débito ecológico. Temos diversos problemas, mas estamos fazendo um grande esforço para colaborar com os povos para o bem comum da humanidade”, afirmou.

### **Guido Gelli — Diretor de Geociências do IBGE**

Guido Gelli apresentou o trabalho do IBGE na coleta de informações para a formulação de indicadores para o desenvolvimento sustentável em todo o Brasil. Gelli explicou que o IBGE sistematiza informações socioeconômicas, domiciliares, conjunturais e estruturais. Tais informações são disponibilizadas à comunidade e também utilizadas na tomada de decisões de políticas públicas. Gelli apresentou o exemplo prático da distribuição de mapas municipais, estaduais e da federação para todas as escolas brasileiras. O site do IBGE coloca à disposição todas as informações ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)) referentes aos trabalhos desenvolvidos pelo órgão.

## **ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL**



**José Carlos Libanio — Assessor de Desenvolvimento Humano – PNUD**

Antes de apresentar o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil, José Carlos Libanio discorreu sobre os indicadores e suas funções práticas. Segundo ele, a pobreza não pode ser medida apenas como falta de dinheiro. E apresentou exemplos práticos disso, como famílias com a mesma renda per capita, mas uma delas sem água tratada em casa. Obviamente, esta última apresenta um nível de pobreza mais acentuado.

Libanio apresentou o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) como apenas uma parte do todo, porém é um indicador de extrema importância na oposição com o PIB. Mas ambos não medem, por exemplo, a liberdade política, que, para Libanio, é fator decisivo na qualidade de vida das pessoas. “Os indicadores servem para mostrar que há representações e que elas não são neutras. Eles nos aproximam da realidade”, disse. No entanto, Libanio alertou para o perigo de os indicadores criarem um país de ficção.

**O que é o Atlas?** — É um banco de dados eletrônicos com informações desagregadas dos 5.507 municípios brasileiros e 27 unidades da Federação. O programa permite ao usuário criar seus próprios indicadores. Ao todo, são 124 indicadores agrupados em oito campos temáticos, que vão desde caracterização física até o IDH. Os oito campos são: caracterização (área, população...); demografia (mortalidade infantil, taxa de fecundidade bens em cada casa, condições de habitação); vulnerabilidade das pessoas; população...); educação (número de analfabetos...); renda (familiar per capita); habitação (rural e urbana) e desenvolvimento humano (IDH). O Atlas pode ser encontrado nos seguintes sites: [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br) e [www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br).

### **Terça-feira (28 de outubro)**

A manhã do segundo dia de debates foi marcada pela apresentação de casos do setor empresarial, público e terceiro setor. À tarde, aconteceram palestras de representantes da Itaipu e Sebrae, além da apresentação dos relatórios dos trabalhos desenvolvidos nas sessões da parte da manhã. O dia se encerrou com um painel sobre a perspectiva para a criação de um Observatório Brasil e uma palestra motivacional.



## Experiências de Implementação de Indicadores

Em três sessões paralelas, foram apresentados casos de indicadores de desenvolvimento sustentável dos setores empresarial, público e terceiro setor.

**Sessão I** — reuniu representantes das seguintes empresas: Cemig, Natura, Banco Real, Fractalís e Amanco Brasil. De maneira geral, foram discutidos tipos de indicadores para medir os produtos, os processos de produção e os impactos de produtos na sociedade/natureza. Todas as empresas se mostraram muito conscientes da necessidade de contribuição para a melhora da qualidade de vida da comunidade. Ou seja, a necessidade de se olhar o entorno. Para tanto, sempre estão muito atentas ao que está acontecendo fora de seus domínios.

**Sessão II** — reuniu representantes dos governos do Paraná e Rio Grande do Sul. Há uma tendência de enriquecimento, variedade e criatividade nos indicadores, conforme sua elaboração e aplicação vão se dirigindo de um universo de macro-planejamento (governos) para instâncias micro-coletivas e pessoais. Essa é uma conclusão subjacente ao conjunto de experiências apresentadas nesta sessão. Ficou evidente um ímpeto de usar livremente indicadores sistêmicos que sirvam não somente para monitorar o ambiente público, mas também para transformá-lo, a partir de iniciativas espontâneas articuladas.

**Sessão III** — reuniu representantes do terceiro setor. Chegou-se à conclusão de que é possível criar indicadores confiáveis para acompanhar o desenvolvimento. Nesse sentido, o terceiro setor está dando uma grande contribuição. Entre os pontos apresentados, destaca-se que os indicadores devem acompanhar todo o processo. Experiências positivas devem ser continuadas, principalmente na troca de governos. Recursos locais precisam ser aproveitados no total de suas potencialidades. Promover a articulação regional e articular os setores da sociedade. Estabelecer mecanismos para a disseminação de experiências bem-sucedidas. Os indicadores devem se fundamentar em bases conceituais sólidas. Criar condições para a realização de pesquisas de longa duração.



**Sessão IV** — reuniu alguns palestrantes internacionais, que já haviam expostos suas idéias anteriormente durante o evento. Entre os pontos discutidos, destacam-se o reconhecimento da subjetividade dos indicadores; a construção do mundo deve ser por consenso; todos os seres buscam a felicidade (o que fazemos para os outros, também estamos fazendo para nós).

### **EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM ITAIPU**

**Nelton Miguel Frederich — Diretor de Coordenação de Itaipu**

Itaipu mantém um trabalho de desenvolvimento sustentável em parceria com as prefeituras, iniciativa privada e comunidades de 28 municípios que formam a Bacia do Paraná III, na região de Foz do Iguaçu, no Oeste do Paraná. Ali, vivem cerca de 900 mil pessoas. A preocupação ambiental norteia as ações implementadas na região, principalmente aquelas voltadas para a qualidade da água, à preservação dos rios e das matas nativas.

O foco está voltado para os municípios lindeiros. O objetivo é ampliar a presença de Itaipu e compartilhar problemas e soluções com a comunidade e instituições públicas e privadas. Frederich explicou que um dos desafios é o reflorestamento de 540 quilômetros de mata ciliar em toda a região.

São desenvolvidos 64 projetos em sistema de parcerias. Entre os quais destacam-se o incentivo à agricultura orgânica e o Corredor de Biodiversidade. “Em Itaipu, a responsabilidade social e o desenvolvimento sustentável não ficaram apenas no discurso”, disse Frederich.

### **EXPERIÊNCIA DO SEBRAE EM PEQUENOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ**

**Edson Feliciano — diretor do Sebrae**

Desde 1997, o Sebrae mantém um programa de desenvolvimento local, integrado e sustentável em 202 pequenos municípios do Paraná.



Nestas cidades, 3 mil voluntários trabalham para disseminar as idéias e discutir soluções. 93% dos municípios têm menos de 20 mil habitantes.

Nesse trabalho integrado, que abrange uma grande diversidade de parcerias, levam-se em consideração os capitais humano, social, empresarial e natural. A gestão do desenvolvimento por indicadores tem como base o conhecimento dos indicadores locais; a discussão com a sociedade; priorização dos indicadores e campos de estudo e propostas de melhoria.

### *PAINEL*

## **PERSPECTIVAS PARA A CRIAÇÃO DE UM OBSERVATÓRIO BRASIL**

Durante este painel, Christopher Flavin, Samyra Crespo e Hazel Henderson discutiram a necessidade de se criar um Observatório Brasil, para que seja referência na observação/monitoramento de políticas públicas e privadas com impacto público.

### **Christopher Flavin — Presidente do Worldwatch Institute**

Christopher Flavin apresentou como surgiu o Worldwatch Institute, em 1974. A fórmula desenvolvida considerou cinco fatores principais: 1) o enfoque ambiental e social; 2) desde o início, ater-se a tendências globais, sem ignorar o local; 3) a pesquisa procurava se basear em fatos, sendo interdisciplinar; 4) conceitos redigidos de maneira forte e consistente (consultores deveriam ser bons comunicadores); 5) estar na liderança com novas idéias.

Os cinco princípios foram organizados em torno de uma teoria social. Era necessário convencer as pessoas a se envolverem na mudança. “Hoje, somos munição ao movimento das ONGs em todo o mundo”, disse Flavin.

Ele explicou que o sucesso/credibilidade dos indicadores gerados pelo Worldwatch deve-se em grande parte à habilidade de análise e comunicação dos pesquisados. A mão-de-obra especializada é essencial.

Além de gerar os indicadores, o Worldwatch trabalha fortemente em ações para transmitir soluções práticas que inspirem as pessoas na busca de soluções e da melhoria da qualidade de vida.



### **Samyra Crespo — Membro do Núcleo de Articulação do ICONS**

Samyra Crespo apresentou as premissas para a criação de um Observatório Brasil. Os conceitos-chave serão a transparência e o monitoramento de políticas públicas. Vai operar em redes de organizações — sistema cooperativo, não-autoritário. A missão será observar/monitorar políticas públicas e privadas com impacto público. O papel do Observatório passará pela legitimação/deslegitimação de ações do poder público e contribuir com soluções.

Samyra destacou ainda os objetivos do Observatório, tais como ser ator relevante dos debates nos quais se envolver; ter influência sobre políticas públicas; difundir novidades metodológicas e práticas; ser espaço de articulação/fortalecimento da sociedade civil. “Pretendemos prestar serviços, dialogar e difundir a informação para a sociedade. Vamos selecionar informações e conectá-las com os problemas por meio de uma linguagem adequada ao público”, ressaltou Samyra.

Para desenvolver seu trabalho, o Observatório Brasil pretende utilizar PPA (Plano Plurianual do governo federal). Segundo Samyra, o PPA é o principal plano de desenvolvimento do País, permite avaliar as políticas globais e setoriais, abrange as dimensões econômica, social e ambiental, é constitucional e monitora as ações do governo. No período 2004-2007, o PPA prevê investimento de R\$ 1,85 trilhão, em 374 programas e 4.600 ações. “Vamos buscar parcerias para tornar o Observatório Brasil uma realidade”, garantiu Samyra.

### **Hazel Henderson — futurista**

Hazel Henderson concluiu sua participação nas palestras do ICONS ressaltando a importância do Brasil na comunidade internacional. Segundo ela, o País é líder em indicadores para a melhoria da qualidade de vida. “É possível atingir as metas usando os indicadores e atendendo o público em geral. Os novos indicadores devem ser interdisciplinares e sistêmicos, com a participação pública, mas sem reproduzir o poder. Temos a informação e precisamos passá-la ao público. Indicadores precisam refletir esse diálogo”, disse Hazel.

Um outro mundo é possível  
A new world is possible



## REFLEXÃO FINAL

**Susan Andrews — Instituto Visão do Futuro**

Susan Andrews encerrou o ICONS 2003 apresentando algumas questões para reflexão: 1) Que tipo de consciência é manifestada entre nós? 2) Que tipo de consciência é preciso para um mundo com desenvolvimento sustentado?

Ao apresentar tais questões, Susan também resumiu as relações entre as pessoas nas palavras *empatia* ou *compaixão*. Por meio delas, os seres humanos têm a sensação de conexão, sem estar encapsulados. Para Susan, a empatia é a raiz da ética. “É importante pensar em educar para a empatia, em indicadores para manter/criar empatia. Precisamos de uma educação para a compaixão e lutar muito para um melhor”, afirmou Susan Andrews.